EMBORNAL
Revista da Associação Nacional de História - Seção Ceará

Do Arquivo à Operação Historiográfica: A constituição de uma teoria e prática de Arquivo no Núcleo de Estudos e documentação Histórica – NEDHIS, UVA (2001-2019).

From Archive to Historiographic Operation: The constitution of an Archive theory and practice at the Center for Historical Studies and Documentation – NEDHIS, UVA (2001-2019).

Igor I. Carvalho Lima[1]
Francisco Dênis Melo[2]

RESUMO: O presente artigo é a problematização da formação do objeto de um arquivo a partir da formação discursiva do Núcleo de Estudos e Documentação Histórica, de 2001 a 2019, pelo curso de História e Licenciatura da Universidade Estadual Vale do Acaraú – NEDHIS–UVA, em suma, uma História Social das fontes documentais e Arquivo. Desse modo, objetivamos a problematizar a formação do objeto de um arquivo a partir da constituição do NEDHIS, Historicizando o arquivo na operação Historiográfica (Um Lugar, Prática e Escrita); pensando a História social dos documentos segundo o efeito de raridade, acúmulo e exterioridade dos enunciados; para discutir os sentidos de Arquivo a partir do NEDHIS. A metodologia proposta para esse trabalho se dá pela análise e descrição dos Discursos, com base nas considerações de Foucault sobre o procedimento da Arqueologia do Saber para o problema do Arquivo, assim como um levantamento das tipologias documentais do núcleo, para problematizar sua prática em relação a história das fontes documentais.

Palavras-Chave: 1. Arquivo **2.** Discurso **3.** Documentação **4.** História **5.** Historiografia

ABSTRACT: This article problematizes the formation of the object of an archive based on the discursive formation of the Center for Historical Studies and Documentation, from 2001 to 2019, through the History graduation at Universidade Estadual Vale do Acaraú – NEDHIS–UVA, in short, a Social History of Documentary and Archive Sources. In this way, we intend to problematize the formation of the object of an archive based on the composition of NEDHIS, Historicizing the archive in the Historiographic operation (A Place, Practice and Writing); thinking about the social history of documents according to the effect of rarity, accumulation and exteriority of statements; to discuss the meanings of Archive from NEDHIS. The methodology proposed for this work is based on the analysis and description of the Discourses, based on Foucault's considerations on the procedure of the Archeology of Knowledge for the problem of the Archive, as well as a survey of the core's documentary typologies, to problematize its practice in relation to the history of documentary sources.

[1] Graduando em História e Licenciatura na Universidade Estadual Vale do Acaraú, UVA. Bolsista do programa de Educação Tutorial, PET-História, UVA. Atuando no Núcleo de Estudos e Documentação Histórica, NEDHIS-UVA. limaigory@gmail.com
[2] Professor Doutor do curso de História e Licenciatura na Universidade Estadual Vale do Acaraú, UVA. Melo_denis@uvanet.br

Keywords: **1.** Archive **2.** Discourse **3.** Documentation **4.** History **5.** Historiography

INTRODUÇÃO

O presente texto é um ensaio que visa discutir e problematizar a formação do objeto de um arquivo a partir da constituição discursiva do Núcleo de Estudos e Documentação Histórica, pelo curso de História e Licenciatura da Universidade Estadual Vale do Acaraú – NEDHIS–UVA, em suma, uma História Social das fontes documentais e Arquivo. É um desdobramento de apresentações orais em Simpósios temáticos e painéis de Iniciação Científica e fruto de discussões feitas a partir das experiências e vivências no Núcleo, enquanto bolsista junto a meus colegas, a partir do trabalho com a documentação. O NEDHIS–UVA foi criado em 2001 no Curso de História pela Professora Maria Aparecida Vasconcelos Lopes e seus colegas de Curso. Ele está instalado no Centro de Ciências Humanas, Campus do Junco, da UVA, na cidade de Sobral, distante cerca de 230 km de Fortaleza, capital do estado do Ceará. A motivação desse projeto vem da necessidade de problematizar o objeto primário que os historiadores têm como base de estudos. Atualmente o NEDHIS está sob coordenação do Prof. Dr. Tito Barros Leal e conta com a força dos bolsistas do PET-História[3] e PBPU-UVA[4] que realizam atividades de manutenção e restauro de documentos no laboratório, além de funções administrativas e de atendimento ao público.

Espaço de suma importância para a pesquisa da Zona Noroeste do Estado do Ceará (mas não só), o NEDHIS está a serviço da produção Historiográfica e oferece acesso franco ao público em geral. O acervo concentra uma pluralidade de tipologias documentais, tais como Periódicos, Documentação Cartorial, Inventários *Post Mortem*, Documentação Audiovisual etc. O acervo abrange documentação que vai desde o século XVIII até os dias atuais. Porquanto, vale ressaltar, que, enquanto lugar de saber para a construção da Ciência Histórica, o NEDHIS é atravessado por descasos públicos dentro

[3] https://petuvahistoria.blogspot.com/; nedhis@uvanet.br; uvapethistoria@gmail.com.

[4] O PET (Programa de Educação Tutorial) é um programa de educação superior a nível federal, que na Universidade Estadual Vale do Acaraú contempla o Curso de História. O Grupo PET desse curso atua na catalogação e preservação de documentos no Núcleo de Estudos e Documentação Histórica – NEDHIS. O trabalho direto com esses documentos permite o desenvolvimento de projetos de pesquisa, ensino e extensão, dentro e fora da Universidade; PBPU – Programa de bolsas e permanência universitária da Universidade Estadual Vale do Acaraú, UVA.

de sua própria Universidade, o que prejudica a produção do conhecimento, para além da conservação documental.[5] Com isso, lembramos que documentos são registros das ações humanas no tempo. Eles conservam as memórias, constroem identidades e são fundamentais para a produção histórico-historiográfica. Essas fontes são base para qualquer investigação histórica, sem elas não há produção no campo da História.

A motivação vem da vivência dentro do núcleo, como bolsista do Programa de Educação Tutorial – PET, que funciona a partir do NEDHIS. Através do programa foi possível conhecer o acervo do arquivo a partir do trabalho de limpeza, conservação e catalogação, assim como ter contato com diversos pesquisadores que procuram o espaço. Logo, não demorou muito para surgirem questões e problemas pertinentes ao arquivo enquanto *Laboratório* no que diz respeito a sua formação discursiva em seu ato de guardar para a produção do conhecimento, pautando a disponibilidade do acervo do arquivo e as condições que o tornaram histórico em si, tendo como recorte em questão o período de atuação do NEDHIS desde sua criação em 2001, até o ano de 2019, utilizando como fontes os documentos referentes a sua criação – Atas das reuniões de colegiado, ofícios sobre seu acervo; a sua estrutura administrativa – como termos de doação, projetos vinculados ao Núcleo; depoimentos sobre o laboratório e sua estrutura entre professores e ex-alunos do curso de história que estiveram vinculados ao NEDHIS. Para além disso, se faz necessário trabalhar com o procedimento Arqueológico do Saber, baseado nas contribuições de Foucault.

A necessidade de historicizar o Arquivo Histórico vem do seu vínculo na construção histórica, logo, o acontecimento só é aquilo que se relata sobre ele. Ou seja, sabemos que os acontecimentos sociais existem por aqueles que o enunciam – seja na oralidade ou os escritos –, e o Arquivo, nesse sentido, reúne todos os enunciados que lhe são possíveis, para a construção e os estudos dos acontecimentos: são fatos e acontecimentos tão concretos materialmente quanto o seu enunciado abstrato, ou seja, estes não são concretos até serem "pescados" e trabalhados pelos Historiadores; são

[5] O NEDHIS possuí dificuldades de custeio por não ser um laboratório reconhecido por sua IES, assim como os materiais básicos para trabalhar com a documentação. Ou seja, disso decorre uma dificuldade de manter as atividades manuseio, catalogação, limpeza, conservação e restauro que são indispensáveis para a vida dos documentos, e, consequentemente, para seu uso pelos historiadores e demais profissionais que podem vir a produzir conhecimento a partir do NEDHIS.

narrativas antes de tudo, o objeto de estudo dos historiadores. Contudo, isso nos leva a questionar, a partir das reflexões de FARGE[6] que o enunciado não é um acontecimento tal qual o acontecimento narrado? Logo, a existência do testemunho em si, não pelo seu conteúdo, mas por sua existência e as condições que a tornam possível, não se tornaria mais concreta do que seu conteúdo, tal qual aponta FOUCAULT?[7] O discurso em que se faz o arquivo, se torna então necessidade epistemológica para o saber histórico, afinal, não podemos acessar os acontecimentos, mas sim suas enunciações que podem se configurar como *objeto* do arquivo histórico e em um acontecimento enunciativo em si.

Além disso, Carr[8] aponta como um objeto de investigação o processo de seleção de fatos, entre tantos outros, que sobreviveram para se tornar fatos da história – tal qual quando lembramos dos grandes nomes e acontecimentos, por exemplo. Em síntese, podemos entender os fatos como os documentos, enunciações do passado – discutiremos isso no momento devido –, e essa seleção de fatos que temos acesso no momento da pesquisa é o que torna possível a *Operação Historiográfica*, assim, há uma necessidade de problematizar os sentidos de um Arquivo Histórico a partir dos seus critérios próprios de formação, assim como de formação de seu objeto. Portanto, é uma contribuição pertinente ao trabalho no arquivo, a produção Historiográfica, assim como para os demais campos da ciência que têm o arquivo como seu objeto e suas inscrições no campo da memória.

OBJETIVOS

Desse modo, objetivamos problematizar a formação do objeto de um arquivo a partir da formação do NEDHIS, historicizando o arquivo na operação historiográfica (Um Lugar, Prática e Escrita); pensando a história social dos documentos segundo o efeito de raridade, acúmulo e exterioridade dos enunciados; para discutir os sentidos de arquivo a partir do NEDHIS.

---

[6] FARGE, Arlete. **O Sabor do Arquivo.** tradução Fátima Murad. – 1. ed., 2. reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2022. p. 80.

[7] FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2020. p. 34.

[8] CARR, Edward. **Que é história?** conferências George Macaulay Trevelyan proferidas por E. H. Carr na Universidade de Cambridge, janeiro-março de 1961; Rio de Janeiro, Paz e Terra, 3ªed. 1982. p. 40.

METODOLOGIA

A metodologia proposta para esse trabalho se dará na análise e descrição dos discursos, com base nas considerações de Foucault sobre o procedimento da Arqueologia do Saber para o problema do Arquivo, assim como um levantamento das tipologias documentais do núcleo para problematizar sua prática em relação a história das fontes documentais.

Para trabalharmos essa questão, é necessário apontar as considerações de Michel Foucault em a Arqueologia do Saber,[9] "os próprios discursos enquanto práticas que obedecem a regras", dirigindo-se ao discurso em sua profundidade própria, "na qualidade de *monumento*", assim, não é de nosso interesse o conteúdo do discurso, mas sua própria existência. Não caberá aqui trabalhar com a linearidade do tempo através do objeto em seus recortes, ou mesmo uma transição contínua, e sim trabalhar com um *jogo de regras* dos discursos em sua *especificidade* que é irredutível com qualquer outro, logo, "uma análise diferencial das modalidades do discurso".

> Ela define tipos e regras de práticas discursivas que atravessam obras individuais, às vezes as comandam inteiramente e as dominam sem que nada lhes escape; mas às vezes, também, só lhes regem uma parte. A instância do sujeito criador, enquanto razão de ser de uma obra e princípio de sua unidade, lhe é estranha.[10]

É importante salientar que, enquanto Foucault estabelece essa definição que atravessa as obras individuais, buscaremos com isso, trabalhar com a formação discursiva do Núcleo. Além disso, a arqueologia do saber não busca a identidade do que foi dito, no momento da enunciação do discurso, e sim "é a descrição sistemática de um discurso-objeto". Logo, fazer uma análise, através da interação social que produz a estrutura do discurso, sobre o que se constitui como saber.[11] Cabe aqui problematizar como é essa relação no espaço do NEDHIS; para então descrever sua *formação discursiva*; como seus *objetos* estão formados; como as *enunciações* constituem seus *objetos*; como estão formados seus *conceitos* e suas *estratégias.*

---

[9] FOUCAULT, *Op. Cit.,* p.169, 170.
[10] *Ibid*., p.170.
[11] LaubNAU-USP. [Aula 01] Arqueologia do Saber/ Michel Foucault (Curso de Extensão FFLCH/USP). Youtube, 18 de ago. de 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=qxPmOJW9AmQ. Acesso em:21/10/2023.

*Além disso, cabe definir a questão d*o discurso e a sua formação. De antemão, tratamos de uma provocação que nos ajudará a definir: "O discurso é uma forma, não conteúdo".[12] Nada mais justo então que exemplificar essa "forma" em discursos tais como a psicopatologia ou medicina, como atribui FOUCAULT, mas, não somente, o discurso Histórico que se forma no século XIX. A partir disso, podemos notar como esses discursos se configuram:

> Supõe-se, assim, que tudo que o discurso formula já se encontra articulado nesse meio-silêncio que lhe é prévio, que continua a correr obstinadamente sob ele, mas que ele recobre e faz calar. O discurso manifesto não passaria, afinal de contas, da presença repressiva do que ele diz: e esse não dito seria um vazio minando, do interior, tudo que se diz.[13]

A forma com que entendemos o discurso, essa figura abstrata articulada nesse meio-silêncio, "Trata-se de um domínio imenso, mas que se pode definir: é constituído pelo conjunto de todos os enunciados efetivos (quer tenham sido falados ou escritos), em sua dispersão de acontecimentos e na instância própria de cada um".[14] Portanto, é possível entender o discurso como uma forma em que estão inscritos em seu domínio uma série de acontecimentos enunciativos que mantém uma relação entre si, fundamentada em uma ordem que, segundo a hipótese formulada por FOUCAULT:

> {...}suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.[15]

Ademais, pensar o discurso enquanto forma implica, ainda, pensar em suas regras de formação:

> Chamaremos de regras de formação as condições a que estão submetidos os elementos dessa repartição (objetos, modalidade de enunciação, conceitos, escolhas temáticas). As regras de formação são condições de existência (mas também de coexistência, de manutenção, de modificação e de desaparecimento) em uma dada repartição discursiva.[16]

[12] *Ibidem.*
[13] FOUCAULT, 2020. p.32.
[14] *Ibid.,* p. 32.
[15] *Id.*, **A Ordem do Discurso.** SP: Loyola, nº.5, 1996. p. 8, 9.
[16] FOUCAULT, *Op.Cit.,* p. 47.

É então que chegamos a questões internas da forma, o discurso. Afinal, o que são os acontecimentos do discurso, os acontecimentos enunciativos? Como se pode definir um enunciado? E o que são esses enunciados dentro do arquivo? Há uma necessidade de entender, previamente, a distinção entre *Fato* e *Acontecimento* que deixamos em suspenso até aqui. CERTEAU, ao nos introduzir sobre o lugar da escrita na operação historiográfica, aponta a relação entre fato e acontecimento como um dos desdobramentos da escrita:

> Desse ponto de vista, o acontecimento é aquele que recorta, para que haja inteligibilidade; o fato histórico é aquele que preenche para que haja enunciados de sentido. O primeiro condiciona a organização do discurso; o segundo fornece os significantes, destinados a formar, de maneira narrativa, uma série de elementos significativos.[17]

No recorte em questão, buscaremos entender como *acontecimento*, sob os devidos métodos, o conjunto enunciativo sobre o arquivo, assim como sua documentação objeto, os ditos que o formula, seu campo teórico-metodológico. Dito isso, vale acrescentar, se atribuímos, anteriormente, a documentação como *fatos* do passado, a evidência do que se passou, foi na tentativa de problematizar sua existência através desse procedimento. Assim, FARGE[18] elenca no enunciado, nas palavras ditas – para além do conteúdo –, uma tentativa de convencimento sobre o dito, de criar o verossímil para a aprovação dos que julgam, assim é criado um acontecimento enunciativo. É para esse sentido que a análise do campo discursivo nos chama atenção:

> {...} trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui. Não se busca, sob o que está manifesto, a conversa semissilenciosa de um outro discurso: deve-se mostrar por que não poderia ser outro, como exclui qualquer outro, como ocupa, no meio dos outros e relacionado a eles, um lugar que nenhum outro poderia ocupar.[19]

Desse modo, serão desenvolvidos a partir de dois momentos: de imediato, daremos início ao levantamento, e análise, da documentação sobre a criação do NEDHIS: Ofícios, atas de reunião de colegiado, projetos associados ao laboratório, documentos da composição administrativa – termos de doação, registros sobre os procedimentos de limpeza, conservação

---

[17] CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2020. p.104.
[18] FARGE, 2022, p. 80, 81.
[19] FOUCAULT, 2020, p.34.

do material doado, políticas de guarda e descarte –, depoimentos orais, virtuais escritos. A coleta e análise desses dados nos possibilita problematizar sobre questões pertinentes ao Núcleo, tais como: O lugar de produção do arquivo para a historiografia, e da historiografia para o arquivo; o sentido de um arquivo histórico; e como o NEDHIS-UVA foi mantido e ordenado ao longo de sua trajetória no curso de história.

Em seguida, será feito um levantamento da tipologia documental catalogada no núcleo até o momento, para que possamos refletir sobre a história social da documentação com foco em seus efeitos de Raridade, Exterioridade e Acúmulo a partir das considerações de Foucault sobre a distribuição e redistribuição dos enunciados no tempo para com o que chamamos até aqui de continuidades e descontinuidades documentais/enunciativas. Há de se entender também que as tipologias documentais permanecem as mesmas em relação ao ano final do recorte e a data de produção deste trabalho.

Para trabalhar tantas questões referentes ao Arquivo, teremos como recorte temporal o ano de criação do NEDHIS, em 2001 até 2019, ano em que o CCH paralisou grande parte de suas atividades para a sua reforma; e como recorte espacial o próprio núcleo. É importante destacar que não buscamos o conteúdo do que está guardado, e sim problematizar sua condição de existência no laboratório, entendendo sua documentação como acontecimento enunciativo que é determinado e/ou determina a prática do arquivo em detrimento do sentido de arquivo e seu *lugar social* na historiografia. Não obstante, teremos como referencial teórico Foucault, em suas considerações sobre a Arqueologia do Saber, para pensar a formação discursiva do Arquivo através do procedimento arqueológico; com Certeau, sobre a Escrita da História, analisar os problemas referentes à relação do arquivo e historiografia; Ricoeur, para refletir questões referentes À Memória, a História e o Esquecimento dentro da formação teórica do núcleo; por fim, J. Derrida, em *Mal de Arquivo* para nos ajudar a elucidar o problema da noção de Arquivo.

RESULTADOS ESPERADOS

O que podemos entender como objeto de arquivo? E como podemos problematizar a formação desse objeto? Para trabalhar determinadas questões, devemos entender o arquivo enquanto uma organização histórica, e, ainda, o seu vínculo com objeto da ciência Histórica. Desse modo, o arquivo sofre profunda influência da ciência histórica, ainda com seu viés Positivista do século XIX, contudo entender sua influência não é dizer que o arquivo existe por causa da historiografia. Mas mais que isso, é entender que o arquivo existe, guarda e se delimita antes do Positivismo da historiografia, o que devemos considerar aqui é a formação do seu

objeto a partir do Século XIX, para então pensarmos essa questão no NEDHIS a partir de sua criação em 2001.

É importante perceber que o arquivo existe para além do modo como os historiadores o entendem, logo, há modos diferentes de ler, produzir e gerir arquivos, segundo seus literatos, e, sobretudo, segundo seus cientistas – os arquivistas –, segundo as considerações de PÊCHEUX.[20] Contudo, para o recorte em questão, nos delimitamos a pensar o arquivo enquanto domínio da história, o Arquivo Histórico, com o intuito de perceber como ele forma e é formado por essa ciência. Desse modo, o Arquivo pode ser entendido como Histórico pela maneira que forma o seu Objeto, O tempo narrativo, assim como pelo *seu Lugar Social, sua Prática e Escrita.*

Dos teóricos arquivistas, podemos notar, com Jenkinson, por exemplo, os princípios positivistas da historiografia: a verdade absoluta do documento; a imparcialidade do arquivista; a guarda dos documentos oficiais; e a ideia de que se deve guardar os documentos para que eles “falem por si próprios”:

> Quanto à sua ideia de que a ‘verdade’ se revela por meio dos documentos dos arquivos, ou de que o arquivista é um ‘guardião’ imparcial dos documentos e um ‘abnegado devoto da verdade’, Jenkinson estava simplesmente refletindo o positivismo empírico dominante na historiografia que lhe era tão familiar e que ele conhecia a fundo.[21]

Portanto, a distribuição dos documentos nos arquivos está pautada não só pela sociedade que os produz, mas também pelos profissionais que as estudam. Com CERTEAU, vemos ainda como a operação historiográfica se relaciona com um *Lugar Social:*

> Toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção socioeconômico, político e cultural. Implica um meio de elaboração circunscrito por determinações próprias: uma profissão liberal, um posto de observação ou de ensino, uma categoria de letrados etc. É em função desse lugar que se instauram os métodos, que se delineia uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhes serão propostas, se organizam.[22]

É por meio dessa reflexão que podemos encarar o conceito de fontes históricas, documentais e os documentos oficiais, assim como o lugar de produção de seu sentido

[20] PÊCHEUX. **Ler o arquivo hoje. Gestos de leitura da história no discurso**/ ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). [et al.]. tradução. Bethania S. C. Mariani [et al.]--2. ed. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1997, p. 57.
[21] COOK, Terry. **O passado é prólogo: uma história das ideias arquivísticas desde 1898 e a futura mudança de paradigma. Pensar os arquivos: uma antologia /** HEYMANN Luciana; NEDEL, Leticia (org). Luiz Alberto Monjardim de Calazans Barradas (trad). – Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018. p. 29.
[22] CERTEAU, 2020, p. 47.

histórico. As fontes históricas são os elementos que tornam possível a *articulação natureza-cultura*[23], na medida em que tornam o objeto dos historiadores, o *Tempo*, uma unidade observável e verificável, logo, narrado. São consideradas fontes, os documentos que permitem ao historiador produzir *desvios*,[24] descobrir o heterogêneo, em síntese, criar e responder problemas.

Desse modo, os documentos oficiais se configuram como documentos obrigatoriamente escritos, de cunho político e institucional: "são documentos escritos, testemunhos voluntários – Alvarás, decretos, correspondências, manuscritos diversos",[25] considerados dignos de serem arquivados e estudados por uma historiografia tradicional, segundo as considerações de Bourdé sobre Langlois e Seignobos, precursores da escola metódica francesa. Ou seja, firma ainda a noção de fonte documental, ou seja, aquelas caracterizadas pela escrita:

> O termo mais clássico para conceituar a fonte histórica é documento. Palavra, no entanto, que, devido às concepções da escola metódica. ou positivista, está atrelada a uma gama de ideias preconcebidas, significando não apenas o registro escrito, mas principalmente o registro oficial.[26]

Devemos trabalhar agora sobre a documentação como *objeto*, sobretudo, como ela se configura como *objeto* de arquivo, e a relação com o que entendemos como tempo narrativo. Afinal, o objeto de pesquisa da ciência histórica mantém uma relação estreita com o tempo tal como atribui Certeau:

> Sem dúvida, é demasiado afirmar que o historiador tem 'o tempo' como 'material de análise' ou como 'objeto específico'. Trabalha, de acordo com os seus métodos, os objetos físicos (papéis, pedras, imagens, sons etc.) que distinguem, no continuum do percebido, a organização de uma sociedade e o sistema de pertinências próprias de uma 'ciência'.[27]

Nessa perspectiva, vemos nesses objetos físicos uma maneira de entender o tempo como objeto narrativo, assim como os documentos do arquivo: enunciações sobre um contexto social passado. Não obstante, qual o objeto pelo qual o arquivo se debruça? J. DERRIDA nos provoca a pensar na palavra arquivo a partir de seu significado

---

[23] CERTEAU, *ibid.,* p. 48.
[24] CERTEAU, *ibid.,* p. 76.
[25] BOURDÉ. Guy; MARTIN, Hervé. **As Escolas Históricas.** Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2018. p. 173.
[26] SILVA, Kalina Vanderli; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de Conceitos Históricos.** – 3.ed., 10ª reimpressão. – SP: Contexto, 2020. p. 273.
[27] CERTEAU, 2020, p. 67.

"Começo e Comando", com isso, o conceito se estabelece a partir de dois princípios – nomológico e topológico – sobre o qual remete aos lugares em que se encontram aqueles com os poderes políticos e seus documentos "oficiais", no cruzamento do lugar e da lei, em suma, o sentido de arquivo remete ao Arkheîon grego: "Inicialmente uma casa, um domicílio, um endereço, a residência dos magistrados superiores, os arcontes, aqueles que comandavam".[28] A partir de suas considerações iniciais, DERRIDA aponta:

> Em tal estatuto, os documentos, que não são sempre escritos discursivos, não são guardados e classificados no arquivo senão em virtude de uma topologia privilegiada. Habitam este lugar particular, este lugar de escolha onde a lei e a singularidade se cruzam no privilégio.[29]

Porquanto, podemos estabelecer uma formação do objeto do arquivo tal qual CERTEAU,[30] quando fala sobre a *redistribuição do espaço* e o *estabelecimento de fontes*? Afinal, não fizemos uma redistribuição do lugar em que se constrói o discurso histórico e os ditos que narram as relações sociais no tempo? Não encontramos aqui uma relação de enquadramento de determinadas enunciações para o estabelecimento do objeto do arquivo? Por fim, FOUCAULT questiona a formação dos objetos estabelecidos nos campos disciplinares, não como objetos privilegiados, e sim por como o discurso constrói seus objetos de domínio, logo, define:

> Essa formação é assegurada por um conjunto de relações estabelecidas entre instâncias de emergência, de delimitação e de especificação. Diremos, pois, que uma formação discursiva se define (pelo menos quanto a seus objetos) se se puder estabelecer um conjunto semelhante; se se puder mostrar como qualquer objeto do discurso em questão aí encontra seu lugar e sua lei de aparecimento; se se puder mostrar que ele pode dar origem, simultânea ou sucessivamente, a objetos que se excluem, sem que ele próprio tenha de se modificar.[31]

Não obstante, podemos encarar que um objeto do arquivo se forma por um conjunto de enunciações semelhantes, leis de aparecimento e sua capacidade de originar outros objetos. Que não são organizados, distribuídos e redistribuídos da mesma maneira de tempos em tempos. Logo, iremos compreender as documentações,

---

[28] DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo: uma impressão freudiana.** Claudia de Moraes Rego (trad). – Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. p. 11, 12.
[29] DERRIDA, *ibid*., p. 13.
[30] CERTEAU, p. 72, 73.
[31] FOUCAULT, 2020, p. 54.

dentro do recorte, como objetos formados pelo arquivo em seu Lugar Social, em sua Prática e sua Escrita.

Portanto, podemos perceber que a maneira com que o NEDHIS forma seu objeto, não é diferente da maneira que os demais arquivos institucionais ou estatais formam os seus, então, qual a diferença? Este laboratório forma seu objeto, o tempo narrativo, através da relação que a História, e os Historiadores, mantém com as fontes, tipologias documentais. Além disso, consideramos o arquivo como laboratório, a partir de uma perspectiva positivista, por ser o lugar onde os historiadores interagem com o tempo histórico, através dos documentos.

Elencamos os conceitos de Certeau para pensar como o Arquivo Histórico pode ser encarado, assim como a operação historiográfica, a partir de um *lugar social*, em que se delineia uma topografia de interesses que o organiza; de uma *prática* que se organiza, relativamente ao espaço e tempo, com técnicas de produção; de uma *escrita* que só é histórica se articulada com o lugar e a técnica, ou seja, dentro do que está produzido e se produz dentro do lugar em que se encontra o arquivo histórico.

Derrida discute o problema da *Noção de Arquivo,*[32] onde este se configura não somente como um ato de guarda, mas também com a escrita e um lugar, ou suporte, o papel. Porquanto, não estamos longe dos historiadores novecentistas quando atribuímos, quase por instinto, o arquivo a essas questões, já que a própria memória do conceito se define, segundo Derrida:

> Como o archivum ou o archium latino {...}, o sentido de "arquivo", seu único sentido, vem para ele do arkheîon grego: inicialmente uma casa, um domicílio, um endereço, a residência dos magistrados superiores, os arcontes, aqueles que comandavam. Aos cidadãos que detinham e assim denotavam o poder político reconhecia-se o direito de fazer ou de representar a lei. Levada em conta sua autoridade publicamente reconhecida, era em seu lar, nesse lugar que era a casa deles (casa particular, casa de família ou casa funcional) que se depositavam então os documentos oficiais.[33]

Através disso, nas considerações de Certeau, vale elucidar que o *lugar social* para a Operação Historiográfica, além de um lugar onde se guarda, é também o que pode permitir a criação do Núcleo de Estudos e Documentação Histórica, sobretudo porque é

---

32 DERRIDA, 2001, p. 43.
33 DERRIDA, *ibid.,* p. 12.

nos anos 1990 que o curso de História – UVA reforma seu currículo para que os graduandos desenvolvam pesquisa e escrita através de uma mudança epistemológica no eixo do Curso. Para que isso fosse possível, foi preciso, segundo a Profa. Dra. Chrislene dos Santos,[34] que houvesse abundância de fontes para pesquisa na região, limitando ainda a noção de fontes para escritos oficiais, doados pela administração pública e pela gestão superior da UVA para o acervo a partir de 2001 através da articulação política feita por alguns professores do curso, já que a mesma não oferecia um arquivo público para consulta.

Os professores do curso que estiveram mais presentes na Organização e na manutenção do acervo, até 2010, tinham uma relação com o arquivo devido às suas pesquisas, segundo o Prof. Doutor. Raimundo Nonato, ex-coordenador do curso.[35] Este teve bastante influência nas documentações que o Núcleo possui atualmente, mas também desenvolveu uma ampla pesquisa nos inventários do acervo. Os demais professores atuaram no NEDHIS através dos programas de bolsas de iniciação científica e PBPU, no entanto, não eram atividades organizadas de manutenção do acervo, segundo o Prof. Dr. Carlos Augusto.[36] Somente em 2010 que o referido professor trabalhou para trazer o Programa de Educação Tutorial, PET, para o curso com o intuito de funcionar alinhado ao NEDHIS.[37]

A partir disso, chegamos a uma *Prática* de arquivo, e de arquivo em história de um arquivo histórico. É uma prática porque sua *noção* impõe uma ação, um ato de *arquivar*. Para além disso, se configura a partir de técnicas de guarda delimitadas pelo seu espaço e tempo, com isso, podemos abranger não somente as técnicas de atuação em arquivo, como também suas escolhas e motivos de guarda. Desse modo, NEDHIS não conta com um regimento próprio para nortear sua prática. Todavia, o consenso do colegiado do curso de História e coordenação do laboratório, assim como os critérios técnicos, sensíveis e estruturais ao arquivo gerem as questões sobre a atuação prática

[34] Acervo pessoal de entrevistas orais, Profa. Dra. Chrislene dos Santos – UVA.
[35] Acervo pessoal de entrevistas orais, Prof. Dr. Raimundo Nonato – UVA.
[36] Acervo pessoal de entrevistas orais, Prof. Dr. Carlos Augusto P. dos Santos – UVA.
[37] O Projeto do PET foi elaborado em 2010 pelo professor Carlos Augusto com o intuído de funcionar alinhado ao NEDHIS. Desde então, o Programa é responsável pela organização do NEDHIS, assim como outras atividades alinhadas ao núcleo. Garantindo assim a manutenção do laboratório, assim como seu custeio já que o mesmo não recebe financiamento próprio da IES.

em um arquivo histórico, tais como suas escolhas de guarda e descarte. Portanto, as atividades empreendidas no NEDHIS são pautadas na legislação Arquivística, segundo o Atual coordenador Prof. Dr. Tito B Leal.[38] Mas também, segundo os demais professores entrevistados, o intuito do Núcleo é "salvar o máximo que for possível até obter meios para gerir e restaurar as documentações".[39]

A manutenção desse laboratório se dá pelo custeio do Programa de Educação Tutorial – PET, História UVA, já que não é um laboratório reconhecido pela IES – UVA para receber financiamento próprio. A Organização do Arquivo se dá através do grupo de bolsistas PET e PBPU que trabalham catalogando, limpando e ordenando a documentação. Com isso, entendemos que o PET poderia existir sem o NEDHIS, mas o NEDHIS não poderia se manter sem o PET.[40] Ademais, antes do PET, criado em 2010, as atividades no laboratório não eram fixas, variando segundo a coordenação do curso de História, professores do colegiado, e alguns poucos bolsistas, sem os devidos cuidados técnicos.[41]

Para além disso, o arquivo histórico lhe impõe uma *escrita* que só é histórica se articulada com o lugar e a técnica, ou seja, como o arquivo se constitui pela a História e para a história, se delimitando não somente pelo suporte, o papel, mas também pelo valor do que está escrito, e, assim, configura os seus arquivos como instrumentos de exercício de poder.[42] De tal modo que os documentos mais antigos são escritos, de teor oficial, do domínio público ou privado que se encontram em abundância. As demais tipologias podem ser encontradas em determinados períodos, diferentes daqueles onde estão acumuladas, não pela mudança do estatuto das tipologias para os historiadores, mas sim, em virtude de sua topologia privilegiada, ou seja, pelo estatuto de poder que estes têm para a sociedade que os produziu.

---

[38] Acervo pessoal de entrevistas orais, Prof. Dr. Tito B. Leal – UVA.
[39] Acervo pessoal de entrevistas orais, Profa. Dra. Edvanir Maia – UVA.
[40] Acervo pessoal de entrevistas orais, Prof. Mestre Edcarlos Araújo – UVA.
[41] Acervo pessoal de entrevistas orais, Prof. Dr. Raimundo Nonato – UVA.
[42] HEYMANN, Luciana Quillet. **O lugar do arquivo:** a construção do legado de Darcy Ribeiro. Rio de Janeiro: Contra Capa / FAPER, 2012. p.20.

O Arquivo ganha, em Foucault, uma diferença do Arquivo enquanto laboratório, todavia, buscaremos traçar seus diálogos através do procedimento arqueológico, assim, não se trata do conjunto de textos produzidos e guardados por uma cultura, se trata:

> Em suma, que se há coisas ditas – e somente estas –, não preciso perguntar sua razão imediata às coisas que se encontram ditas ou aos homens que as disseram, mas ao sistema da discursividade, às possibilidades e às impossibilidades enunciativas que ele conduz. O arquivo de início, a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares. Mas o arquivo é, também, o que faz com que todas as coisas ditas não se acumulem indefinidamente em uma massa amorfa, não se inscrevam tampouco em uma linearidade sem ruptura e não desapareçam a simples acaso de acidentes externos, mas que se agrupem em figuras distintas, se componham umas com as outras segundo relações múltiplas, se mantenham ou se esfumem segundo regularidades específicas; ele é o que faz com que não recuem no mesmo ritmo que o tempo, mas que as que brilham muito forte como estrelas próximas venham até nós, na verdade de muito longe, quando outras contemporâneas já estão extremamente pálidas.[43]

Entender o Arquivo Histórico e sua relação com a disciplina Histórica pressupõe compreender o sentido de seu domínio como, por exemplo, *acontecimento* de suas documentações/enunciados em seu domínio, afinal, não é o Arquivo *a priori* que faz com algumas enunciações cheguem até nós em detrimento de tantas outras? Quando se fixam em nosso domínio, o Arquivo Histórico não está sujeito ao mesmo processo em sua práxis material, o acontecimento das enunciações em seu domínio em detrimento de outras? Para além disso, se o arquivo é a lei do que pode ser dito, como os enunciados podem estar ditos?

Devemos ter em mente que o NEDHIS não opera como um laboratório específico e especializado em um determinado tipo de documentações, contudo, seu enquadramento pressupõe, na prática, a prevalência de determinados tipos de enunciações em detrimento de tantas outras, logo, o esquecimento é percebido no limite que separa o que está dito do que não está dito, logo, guardado em suas estantes; no limite dos efeitos de raridade, exterioridade e acúmulo, nas considerações de Foucault.

Para definir um enunciado, FOUCAULT se detém de uma série de exemplos para discutir essa questão, logo, estabelece a possibilidade de reconhecer um enunciado

[43] FOUCAULT, 2020, p. 157.

através de uma *Estrutura Proposicional*[44] que o valida quando há uma proposição; de uma *Frase*[45] dita que possa ser isolável, porém, os elementos da frase não podem ser entendidos do mesmo modo; ou um *Artifício de Apresentação*[46] em que não há uma frase, e sim um enunciado, tal como gráficos ou quadros genealógicos; por fim, um *Ato de Formulação*[47] que possa ser reconhecível e isolável, que descreve "a operação que foi efetuada pela própria fórmula, em sua emergência: promessa, ordem, decreto, contrato, compromisso, constatação", para além disso, há uma exigência para sua efetivação: "um certo número de fórmulas distintas e frases separadas". Por fim, o enunciado pode ser encarado como uma função de existência definidas por certos signos: um *referencial*, ou seja, o princípio de diferenciação; um *sujeito*, uma posição ocupada por indivíduos indiferentes; um *campo associado*, seu domínio de coexistência; uma *materialidade*, não somente um suporte ou substância, mas um status, suas regras de transcrição, seus usos e reutilizações possíveis.[48]

Trabalhar o estudo dos enunciados é evocar sua materialidade, sua definição. Até aqui, nos referimos aos documentos históricos do NEDHIS como enunciados, e, quando muito, acontecimentos enunciativos, sem necessariamente pontuar como devemos entender essa categoria, por vezes abstrata, chamada de enunciado. Desse modo, nos utilizamos desse conceito para trabalhar um entendimento da documentação para além de um fato para estudo dos historiadores, mas como um acontecimento construído como quaisquer outros através de seus fatos, como já abordamos anteriormente, acontecimento esse, o enunciativo, que permite olhar a história dos documentos guardados no arquivo, sua condição de existência que não acaba com a chegada ao arquivo.

Podemos nos utilizar da discussão de Foucault para pensar os documentos enquanto enunciações. A partir disso, o acervo do NEDHIS concentra uma pluralidade de tipologias documentais, tais como Periódico, Documentação Cartorial, Inventários *Post Mortem*, Documentação Audiovisual etc. O acervo abrange documentação que vai

[44] *Ibid.,* p. 97.
[45] *Ibid.,* p. 98.
[46] *Ibid.,* p. 99.
[47] *Ibid.,* p. 100.
[48] *Ibid.,* p. 140, 141.

desde o século XVIII até os dias atuais. Desse modo, o que faz com que um *objeto X* possa ser encontrado em meio a uma gama de *objetos Y* se não pelo seu privilégio material? Temos como exemplo os jornais: encontramos poucos jornais, referentes ao século XIX, segundo a história singular de conservação deste, mas é só em meados do século XX que acharemos essa tipologia em abundancia no laboratório até os dias atuais; isso pode estar relacionado à importância dada aos jornais pela ampla gama de historiadores nos pós-Guerra,[49] portanto, há uma abrangência no conceito de fonte documental que permite ao Arquivo, enquanto histórico, uma abrangência de seus objetos.

Assim, vale notar ainda como estes objetos existem no Núcleo sem que seja o seu lugar de pertencimento, tais como os documentos pertencentes a uma Hemeroteca. Segundo a Prof. Dra. Edvanir Maia,[50] os periódicos, que encontramos a partir do século XIX no NEDHIS, são documentos que deveriam estar na hemeroteca da Biblioteca do Campus CH, mas que ali dividem lugar com toda a vasta documentação do acervo. Além disso, ainda encontramos objetos que estão fora da configuração de Noção de Arquivo, e que nos leva a problematizar sua lei de aparecimento, como por exemplo: Chave do Processo de Lesão Corporal, 1956. Afinal, o que é dar lugar a objetos tão únicos dentro de um arquivo e não a outros com as mesmas características materiais? Mais do que isso, o que é dar lugar a este objeto singular em meio a uma vastidão de documentos com as mesmas características?

Imaginemos, a título de exemplo, o século XIX, quais sujeitos históricos seriam capazes de produzir documentação suficiente para a posteriori nos Arquivos Históricos, já que os documentos não nascem históricos? Que relações essas instituições mantêm entre si em torno do arquivo histórico? Quais poderiam ser as características das documentações deixadas? E, quando suas características apresentam descontinuidades com as demais, quais princípios a tornam dignas de serem guardadas? Sobretudo, quais documentos seriam capazes de ter sobrevivido ao tempo, considerando o século XIX – em um outro exemplo, as documentações mais antigas do NEDHIS são do século XVIII,

---

[49] LUCA, Tânia Regina. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. **Fontes históricas** / PINSKY, Carla Bassanezi (org). — 2.ed., 1ª reimpressão. — São Paulo: Contexto, 2008. p. 112.
[50] Acervo pessoal de entrevistas orais, Profa. Dra. Edvanir Maia – UVA.

até os dias atuais? E quais agentes poderiam proporcionar determinada longevidade? Sob que condições? Através disso, caberá entender quais os sentidos que o conceito de arquivo carrega. FARGE, questiona sobre os documentos no arquivo:

> O que quer dizer exatamente: dispor de inúmeras fontes, e como conseguir tirar do esquecimento existências que jamais foram lembradas, nem mesmo em vida (a não ser eventualmente para serem punidas ou admoestadas)? Se a história é ressurreição intacta do passado, a tarefa é impossível; porém, esse aglomerado persistente parece uma súplica.[51]

Podemos atribuir essa súplica, talvez, às próprias descontinuidades discursivas do passado, em fragmentos, entretanto, estaríamos propensos a encontrá-las? Se, sim, que rupturas causam no conceito de arquivo, se é que serão capazes de tal ação? Portanto, é de suma importância apreender os sentidos do arquivo, afinal, o que é Arquivo?

Com isso, atribuímos, muitas vezes, a noção de continuidade e descontinuidade aos documentos objetos do arquivo de maneira vaga. Entretanto, nossa análise se instaura mais exatamente nos efeitos de: *Raridade, Exterioridade e Acúmulo* para refletir sobre a história social de sua documentação, sobre a distribuição e redistribuição dos enunciados no tempo. Queremos dizer com isso que pensar a continuidade é dar lugar às noções de *Tradição, Influência e Evolução,*[52] as quais não nos são devidamente aceitáveis em questões técnicas. A noção de tradição *"visa a dar uma importância temporal singular a um conjunto de fenômenos, ao mesmo tempo sucessivos e idênticos {...}; permite repensar a dispersão da história na forma desse conjunto*"; a noção de Influência *"liga, a distância e através do tempo {...}, unidades definidas como indivíduos, obras, noções ou teorias"*; a noção de evolução e desenvolvimento *"permitem reagrupar uma sucessão de acontecimentos dispersos; relacioná-los a um único e mesmo princípio organizador".* Não obstante, entender a descontinuidade é pensar o processo inverso, logo, entender como as coisas ditas poderiam estar acumuladas por essa tradição, na mesma medida em que poderíamos pensar em elementos "intrusos" que não entram na unidade desse acúmulo. Portanto, nos distanciarmos desses conceitos significa abrir possibilidades para uma distribuição

---

[51] FARGE, 2022, p. 21.
[52] *Ibid.,* p. 25, 26.

e redistribuição dos enunciados não por sua tradição ou sua evolução, e sim por suas relações em uma formação discursiva.

Isso se dá pelo fato de que pensar o efeito de *raridade*[53] dessas enunciações é se debruçar a determinar o princípio das leis de aparecimento dos "únicos conjuntos significantes". Para isso, levamos em conta a pobreza dos enunciados em relação ao que poderia se enunciar; pensar o dito entre seu limite com o não-dito, na medida em que se pensa o lugar que ele ocupa; mas também a totalidade que os ditos são agrupados em sua raridade, em suma, a definição de um sistema limitado de presenças. Avaliar o efeito de raridade, nesse sentido, é refletir então sobre um sistema limitado de enunciações, as documentações, presentes dentro do arquivo, o que é dar lugar a uma única presença entre tantas outras, na medida em que é pensar o não-presente no limite com aquilo que está presente, sua raridade. Se nos detemos analisar sobre as tipologias como formas gerais – entre outras que não se encaixam nestas –, então, pensar o efeito de raridade é refletir sobre o lugar de uma presença rara no arquivo para além das tipologias, ou quando muito, é pensar presenças que normalmente não estaria entre elas, por exemplo, de um sujeito que normalmente não estaria presente a partir da natureza de tal documentação.

Também se dá pelo efeito de *Exterioridade*[54] que busca restituir o enunciado à sua "pura dispersão" para, no fim, "reencontrar sua incidência de acontecimentos". É necessário nos debruçarmos a aceitar o campo enunciativo como lugar de "acontecimentos, de regularidades, de relacionamentos, de modificações determinadas, de transformações sistemáticas"; reconhecer os efeitos do campo enunciativo em relação a subjetividade de quem fala; compreender que "o tempo dos discursos não é a tradução {...} do tempo obscuro do pensamento", em suma, reencontrar o lugar de repartição exterior os acontecimentos enunciativos. Pensar a distribuição e redistribuição documental segundo o tempo que ocupa no arquivo. Assim, as tipologias documentais a partir do efeito de exterioridade remete a refletir sobre como essas tipologias se relacionam entre si a partir da história do arquivo, de modo

[53] *Ibid.,* p. 146, 147.
[54] *Ibid.,* p. 148, 149.

que se possa reconhecer a subjetividade de quem fala, por vezes de quem guarda, a partir da distribuição destas tipologias. Já dissemos sobre como os periódicos aparecem a partir do século XIX, mas como estes só têm abundância a partir do final do século XX, em detrimento de tipologias que se mostram em abundância desde o século XVIII, e que ao longo do tempo, tendem a diminuir em sua questão quantitativa. Ou seja, se atribuímos a repartição que as tipologias têm com a outra, nos permite entender mais de perto o arquivo em sua prática como instrumento de exercício de poder.

Finalmente, o efeito de *Acúmulo*[55] que se põe a analisar a inércia em que os enunciados estão agregados, ao seu sono, ao seu esquecimento nas estantes, e assim, procurar o modo de sua existência característica no tempo. Para isso, devemos considerar a remanência própria do enunciado, os restos enunciativos de acúmulo, que não é seu acontecimento; ponderar a aditividade específica dos enunciados, em que os agrupamentos enunciativos no tempo não são os mesmos em seus amontoados; perceber a recorrência em que os enunciados redistribuem e organizam seus antecedentes e precedentes. Desse modo, o efeito de acúmulo se põe a disposição quando se trata de compreender o acúmulo de enunciados, os objetos de arquivo, no tempo. Nos diz respeito, à análise de como estes se organizam no tempo registrado no arquivo, na medida em que organizam antecedentes e, por vezes inauguram, seus predecessores no que diz respeito ao seu acontecimento enunciativo dentro do arquivo. De maneira geral, podemos elencar os periódicos, portanto, o pensar a sua distribuição no tempo e como estes se organizam, organizam, aparecem e adormecem dentro do espaço. De modo que os enunciados se apresentam, a partir ou até determinada data de sua referência, mas só se acumulam a partir de outro período posterior, por vezes anteriores.

[55] *Ibid.,* p. 151, 152.